

CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS NO BRASIL: MÚLTIPLOS OLHARES

Rizia Mendes Mares¹

Universidade de Pernambuco (UPE)

E-mail: rizia.mmares@upe.br

Introdução

A cidade ocupa lugar central na tradição crítica da Geografia Urbana brasileira, não apenas como forma espacial ou dimensão empírica, mas como mediação fundamental das relações sociais, políticas e econômicas que estruturam o território. Desde as contribuições clássicas que enfatizam a produção social do espaço, o urbano tem sido compreendido como expressão concreta das contradições do capitalismo, da ação do Estado e das disputas em torno do uso, da apropriação e do controle do território. Nesse percurso, as metrópoles assumiram, por muito tempo, a condição de principal referência analítica, concentrando esforços teóricos e empíricos voltados à compreensão da urbanização desigual, da diferenciação socioespacial e da reprodução ampliada do capital.

Nas últimas décadas, contudo, a intensificação das transformações na rede urbana brasileira, associada à reestruturação produtiva, à difusão de infraestruturas técnicas e à redefinição das escalas de circulação e comando, impôs a necessidade de ampliar esse horizonte interpretativo. As cidades médias e pequenas passaram a evidenciar, de forma cada vez mais nítida, seu papel na mediação de fluxos econômicos, populacionais e informacionais, bem como na reprodução das desigualdades socioespaciais em escalas regionais e locais. Esse movimento não se limita a um deslocamento do olhar empírico, mas expressa um amadurecimento teórico da Geografia, que passa a reconhecê-las como espaços nos quais se materializam, de modo singular, as mesmas contradições estruturais que atravessam o urbano metropolitano, ainda que sob formas específicas.

Inserido nesse debate, o dossiê *Cidades médias e pequenas no Brasil: múltiplos olhares*, publicado pelo Caderno Prudentino de Geografia (CPG), alinha-se ao perfil editorial da revista ao privilegiar leituras interpretativas, críticas e teoricamente fundamentadas do espaço

¹ Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Doutora em Geografia. Pós-doutorado em Estudos Territoriais.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 48, v. 2, p.5-9 (2026) - Volume especial: Cidades Médias e Pequenas no Brasil: múltiplos olhares, 2026.

ISSN: 2176-5774

urbano. Parte-se do entendimento de que tais cidades não constituem um conjunto homogêneo, residual ou meramente funcional no sistema urbano, mas configuram totalidades socioespaciais complexas, atravessadas por múltiplas escalas, temporalidades, agentes e processos. Suas dinâmicas revelam permanências históricas, heranças estruturais e novas formas de inserção na divisão territorial do trabalho, exigindo abordagens capazes de articular o particular e o geral, o local e a totalidade.

Os textos reunidos neste dossiê dialogam com uma agenda de pesquisa que problematiza a fragmentação socioespacial, as relações campo-cidade, a constituição de centralidades e periferias, os conflitos territoriais, as dimensões culturais e simbólicas do urbano e os limites das políticas públicas voltadas às cidades médias e pequenas. Ao mesmo tempo, evidenciam o distanciamento persistente entre o conhecimento produzido no âmbito acadêmico e sua incorporação nas agendas políticas e institucionais, tensionando as possibilidades de construção de políticas urbanas e territoriais mais sensíveis às desigualdades, às especificidades regionais e aos sujeitos que produzem e vivenciam esses espaços.

Abrindo o dossiê, Angela Maria Endlich (UEM) e Pedro Henrique Carnevalli Fernandes (UENP) apresentam o artigo *Desafios, pautas de pesquisa e agenda política para as pequenas cidades*, no qual refletem sobre os principais desafios históricos e contemporâneos enfrentados pelas pequenas cidades brasileiras, com especial atenção àquelas que não integram regiões metropolitanas ou aglomerados urbanos polarizados por cidades médias. Os autores introduzem a noção de áreas mikropolitanas, caracterizadas pela predominância de pequenas cidades com dinâmicas próprias, que escapam às lógicas metropolitanas. Ao articular desafios sociais, ambientais, energéticos e políticos, o texto evidencia a necessidade de uma agenda de pesquisa e de políticas públicas sensível às especificidades desses espaços, sem dissociá-los da totalidade socioespacial.

Na sequência, Agripino Souza Coelho Neto (UNEB) e Antonio Muniz Filho (UNEB), no artigo *Aportes teórico-metodológicos para o estudo das cidades pequenas no Brasil*, propõem uma reflexão sistemática voltada à construção de dimensões analíticas articuladas para a compreensão das cidades pequenas como totalidades socioespaciais complexas. A abordagem apresentada apoia-se em quatro eixos centrais: o tamanho populacional, a dependência em relação à administração pública municipal, a inserção na rede urbana regional e a relação campo-cidade, destacando, em especial, a presença de ruralidades no

urbano. Os autores demonstram que hábitos, práticas e conteúdos socioespaciais de matriz rural permanecem estruturantes em muitas cidades pequenas, mesmo no período técnico-científico-informacional.

Complementando o panorama das cidades pequenas no Brasil, o artigo de Paulo Fernando Jurado da Silva (UEMS), Giovane Silveira da Silveira (UEMS) e Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli (UEMS), intitulado *As cidades pequenas no Brasil contemporâneo: desafios analíticos e abordagem espacial*, oferece uma análise detalhada sobre o papel dessas localidades na configuração espacial nacional. Os autores adotaram um recorte demográfico de até 50 mil habitantes, considerando os limites e implicações desse direcionamento, e comparação interpretação teórica com dados secundários oficiais sobre população, emprego, economia e difusão da internet. A pesquisa evidencia que essas cidades, embora pouco destacadas nos debates urbanos tradicionais, compõem uma parcela significativa do território brasileiro e da população nacional, revelando padrões de urbanização desigual e modernização seletiva. Ao apresentar mapas e inferências espaciais, o estudo ilumina as complexas relações entre dinamismo econômico, infraestrutura tecnológica e desigualdades territoriais, reforçando a necessidade de abordagens multiescalares e críticas para compreender a totalidade socioespacial das cidades pequenas.

Seguindo na diversidade de abordagens, o quarto artigo do volume debate sobre as dimensões culturais, simbólicas e políticas do espaço urbano, intitulado *Questões culturais e étnicas no espaço urbano de pequenas cidades: reflexões críticas*, de Janio Roque Barros de Castro (UNEB). O autor problematiza a presença e, sobretudo, a ausência de elementos materiais e imateriais que expressem as contribuições de coletivos afrodiáspóricos e indígenas na paisagem urbana, enfatizando o papel da toponímia, dos monumentos e das edificações públicas como instrumentos de poder, memória seletiva e apagamento histórico. A partir de exemplos de pequenas cidades, notadamente do Recôncavo baiano, o texto evidencia como as hierarquias étnico-raciais e coloniais se materializam no espaço urbano, abrindo caminho para debates críticos sobre cultura, identidade e território.

A problemática da expansão urbana e da formação das periferias é abordada por Ythana de Oliveira Santos (UEFS) e Janio Santos (UEFS) no artigo *Expansão urbana e a formação das periferias em cidades sub-regionais: dinâmicas e agentes em Itaberaba (BA), 1980–2020*. Os autores demonstram que a periferização em cidades sub-regionais não reproduz de forma mecânica os padrões observados nas metrópoles, apresentando dinâmicas específicas

associadas à atuação diferenciada de agentes estatais, imobiliários e fundiários. O estudo evidencia como a urbanização, ainda que impulsionada por investimentos públicos e privados, tem aprofundado desigualdades socioespaciais e comprometido o direito à cidade das populações mais pobres.

Ampliando a escala de análise, Élvis Christian Madureira Ramos (UFMS) apresenta o artigo *O arquipélago urbano trinacional do Pantanal: centralidades entre pontos e fluxos*, no qual analisa as cidades pantaneiras a partir de sua inserção no espaço geoeconômico do Cone Sul. Ao conceber o Pantanal como um território atravessado por fluxos urbanos, produtivos e logísticos, o autor demonstra como essas cidades atuam como mediadoras estratégicas desses processos, ao mesmo tempo em que evidencia a fragmentação das interações horizontais e os desafios de governança territorial diante da intensificação de investimentos e das pressões ambientais sobre o domínio pantaneiro.

As transformações associadas à globalização do capital varejista são discutidas por Cláudio Smalley Soares Pereira (UECE) e Joanna Célia Rodrigues Oliveira (UFPB) no artigo *Lógicas e estratégias espaciais da grande distribuição internacionalizada em cidades médias: Petrolina/PE e Juazeiro/BA*. Os autores analisam como a expansão de grandes redes internacionais de alimentos reestrutura o espaço urbano e regional, reforçando desigualdades socioespaciais e inserindo essas cidades médias nos circuitos globais de produção e consumo. O texto evidencia que, longe de homogeneizar o espaço geográfico, tais processos aprofundam o desenvolvimento desigual e combinado, redefinindo centralidades e padrões de consumo.

A reconfiguração das redes urbanas no Nordeste brasileiro é aprofundada no artigo *Cidades médias e redefinição de relações na rede urbana: processos e formas instituídas na formação das aglomerações urbanas na Bahia e em Pernambuco*, de Rizja Mendes Mares (UPE) e Cleiton Ferreira da Silva (UPE). Os autores analisam centralidades, hierarquias e interações espaciais a partir do diálogo com a REGIC e com as Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do IBGE, destacando o papel estratégico das cidades médias na mediação regional e na formulação de políticas territoriais capazes de enfrentar desigualdades historicamente construídas.

Encerrando o dossiê, Jovenildo Cardoso Rodrigues (UFPA) apresenta o artigo *Cartografias do espaço: caminhos metodológicos para pensar o direito à cidade, o urbano e o território*, no qual defende a cartografia, em especial a cartografia geográfica crítica e a cartografia social, como instrumento metodológico, político e pedagógico. Ao enfatizar a produção coletiva de

mapas com os territórios, o autor evidencia o potencial da cartografia participativa para o reconhecimento de identidades, memórias e conflitos, bem como para o fortalecimento de processos de emancipação social e de luta por justiça espacial e direito ao território.

Assim, o dossiê *Cidades médias e pequenas no Brasil: múltiplos olhares* reafirma a centralidade dessas cidades para a Geografia Urbana e Regional, não apenas como objetos empíricos de investigação, mas como categorias analíticas indispensáveis à interpretação do urbano brasileiro em sua complexidade e diversidade. Ao articular diferentes escalas de análise, perspectivas teórico-críticas e abordagens metodológicas diversificadas, os artigos aqui reunidos contribuem para o aprofundamento do debate acadêmico sobre a produção do espaço em contextos não metropolitanos, evidenciando tanto suas especificidades quanto suas conexões com processos estruturais mais amplos.

Do ponto de vista teórico e metodológico, o dossiê fortalece agendas de pesquisa comprometidas com a leitura da totalidade socioespacial, com a crítica às interpretações simplificadoras e com a valorização de abordagens que reconhecem a historicidade, a heterogeneidade e os conflitos constitutivos das cidades médias e pequenas. No campo político e institucional, as reflexões apresentadas oferecem subsídios relevantes para a formulação de políticas públicas e estratégias de planejamento urbano e regional mais sensíveis às desigualdades territoriais, às dinâmicas locais e às demandas sociais historicamente invisibilizadas. Desse modo, o dossiê se inscreve como contribuição qualificada não apenas ao debate acadêmico, mas também à construção de agendas futuras de pesquisa e de intervenção que reafirmem o direito à cidade, à justiça espacial e ao território como princípios orientadores da ação pública e coletiva.